

Rosa Maria Sequeira
Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta
Programa de Doutoramento em Estudos Globais

José Eduardo Franco
Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta
Programa de Doutoramento em Estudos Globais

Literaturas, culturas e transculturas no Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta

Comunicação apresentada no I Congresso da Rede Nacional de Estudos Culturais, “Cartografias, Desafios e Possibilidades”, Universidade de Aveiro, 26 e 27 de maio de 2022

“Todas as culturas se cruzam umas com as outras; nenhuma é individual e pura, todas são híbridas.”

Edward Said

Estudos globais e a emergência da globalogia

As universidades em várias partes do mundo estão empenhadas no processo de globalização, numa primeira fase encorajando a mobilidade de estudantes, docentes e investigadores, bem como a prática de investigação em rede e, numa segunda fase mais recente, promovendo a internacionalização dos *curricula*.

A emergência dos Estudos Globais decorre do reconhecimento de que a globalização afeta a vida quotidiana e de que o mundo necessita de formas inovadoras de reflexão e atuação, partindo de uma perspetiva que envolva a capacidade de cooperação internacional com vista à resolução de problemas globais. O objetivo dos Estudos Globais é analisar o mundo na sua complexidade histórica e na sua interconexão cultural, social e política, apoiando-se a sua metodologia na interdisciplinaridade e no descentramento cultural. Este grande objetivo assenta num programa multifacetado e não hegemónico no qual as sociedades são perspetivadas como subsistemas do mundo global interdependente.

A globalização é um processo que aproxima economias e sociedades, influenciando os processos políticos e culturais e pressupõe um pensamento complexo tal como o define Morin ¹ que, em vez de sobrepor, articula os saberes e reaproxima a teoria e a prática numa abordagem transdisciplinar. O paradigma deleuziano da

¹ Morin, Edgar, 1990, *Introduction à la pensée complexe*, Paris: Seuil.

disseminação rizomática e o princípio da incerteza que caracteriza, nas mais diversas áreas do saber e da atividade humana o fenómeno da globalização, será melhor abordado através desta abordagem transdisciplinar sob o prisma das Humanidades enquanto domínio particularmente adequado para o questionamento e o tratamento de problemáticas complexas e, por vezes, contraditórias.

O programa de Estudos Globais assenta na perspetiva de que a globalização resulta, em primeiro lugar, de um processo de conhecimento do globo terrestre e do cosmos em relação comprometida com os movimentos de projeção e estabelecimento de comunidades humanas em espiral, desde os tempos primordiais da humanidade, nos diferentes territórios do planeta Terra.² Ao identificar e definir o que designa como os três processos da globalização, Peter Sloterdijk situa o primigénio “motivo-globo”, associado ao esforço filosófico dos Clássicos em perscrutar o cosmos com um “objetivo cartográfico duplo”, começando pela descrição do “céu dos antigos” e passando depois à “terra dos modernos”. Daqui advêm primordialmente os termos-conceitos que hoje constituem o campo semântico da globalização e da emergente ciência da globalogia: “desse nome resultam os derivados adjetivais dos factos ‘globais’, que recentemente, passando pelo desvio do verbo anglo-saxão *to globalize*, foram adquirindo o estatuto de substantivo – o que se deu com a figura híbrida da ‘globalização’. Seja como for, esta expressão tem a vantagem de sublinhar o traço ativo dos acontecimentos mundiais atuais: quando ocorre a globalização, é sempre através de operações com efeitos à distância”. E completa o mesmo filósofo: “Medir esse céu pelo pensamento correspondeu à realização da primeira globalização, daí nascendo a boa notícia para a filosofia: a de que o ser humano, por mais que a desordem vivida o deprima, não pode cair fora do mundo”.³

A projeção das comunidades humanas à escala planetária foi acompanhada pelo escopo do conhecimento e da tomada de consciência da realidade, que se expandiu à medida que a mundividência se foi alargando ou retraindo, ao sabor de ritmos diferenciados nos diversos estádios da história humana. Assim aconteceu durante milénios da história da humanidade, em abrangências mais ou menos regionais limitadas à escala planetária, até que, de há 600 anos a esta parte, com as viagens marítimas transoceânicas dos povos ibéricos, esse conhecimento se intensificou e permitiu oferecer, progressivamente, uma mundividência planetária e uma consciência plenamente global da unidade e da diversidade do género humano, da riqueza imensa

² Cf. Edgar Morin, 2015, *Penser Global. L'Humain et Son Univers*, Paris: Éditions Robert Laffont/Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.

³ Peter Sloterdijk, 2008, *Palácio de Cristal. Para Uma Teoria Filosófica da Globalização*, Lisboa: Relógio d'Água, p. 18.

da fauna, da flora, das paisagens e das possibilidades colocadas sob o olhar de todos os seres humanos pelos meios de transporte e de informação, cada vez mais eficientes.

A progressiva consciência do global do mundo foi suscitando transformações epistemológicas pelas revoluções, ora abruptas, ora silenciosas, operadas no plano antropológico, sociológico, cosmológico e até teológico, com consequências no modo como construímos o conhecimento e na própria natureza desse conhecimento. Estas implicações ainda estão longe de ser consideradas e abarcadas plenamente na construção atualizada do conhecimento do mundo em sentido lato.⁴ Na perspectiva da hermenêutica globalológica de Sloterdijk, “o facto de, na era da globalização, termos alcançado intensificações objetivas da inverosimilhança prova que as almas participam no crescimento dos horizontes”.

Hoje vivemos num tempo que cada vez mais pensadores designam como Era Global. Esta nossa era, com as suas características e os seus desafios próprios, não pode deixar de ter efeitos no modo como revisitamos o passado, analisamos o presente e projetamos o futuro.⁵

Com efeito, os Estudos Globais em expansão estão a construir um campo epistemológico que permitirá circunscrever uma emergente área disciplinar que podemos designar como uma globalogia. A globalogia é, em definição geral, uma ciência que procura compreender o mundo em processo de globalização, na sua história e na complexidade do estado presente do mundo, caracterizado pelos movimentos de intercâmbios, interações entre comunidades humanas espalhadas por todo o planeta Terra e que geraram e continuam a gerar inter-relações, interfecundações e metamorfoses nos mais diversos planos (cultural, económico, político, religioso, social, etc.). Este movimento globalizante, graças às mobilidades várias (físicas e virtuais) facilitadas e aceleradas ultimamente pelo desenvolvimento exponencial das tecnologias de informação e de transportes, fez emergir uma consciência cada vez mais aguda de que o ser humano é um ser integrado num mundo que tem dimensão planetária e precisa e pode de ser melhor compreendido com um olhar integrado numa totalidade mais vasta e sensível às suas interações, embora a partir do seu estar-localmente-no-mundo. Quer isto dizer que a sua compreensão do mundo será sempre “glocal”, ou seja, a partir da realidade onde nasceu, formou e modelou a sua identidade. No fundo, o global é uma realidade compósita, integrando os diversíssimos locais e as suas interações. Os Estudos Globais visam, no fundo, o estudo global na relação metamórfica

⁴ Jean Robillard, 2001, “Peut-on estimer les impacts de la mondialisation sur la communication social et la culture?”, in Pierre-Yves Bonim (dir.), *Mondialisation. Perspectives Philosophiques*, Paris: L’Harmattan, pp. 279 e ss.

⁵ José Eduardo Franco e João Relvão Caetano (coords.), 2020, *Globalização como Problema. Temas de Estudos Globais*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

com o local e vice-versa. É uma ciência na medida em que tem como escopo compreender, mas pode associar a técnica, desde que esse esforço de compreensão se possa interligar com a necessidade de estabelecer objetivos em ordem a criar instrumentos de intervenção para aperfeiçoar aquilo a que podemos chamar “o campo global”, nas suas várias dimensões problemáticas e na relação entre o meio humano e o meio ambiente, seja o natural, seja o social.

Por seu lado, as Humanidades e as Ciências Sociais têm-se visto impelidas a redefinir as suas identidades disciplinares e a repensar a sua posição no quadro mais geral do conhecimento num decisivo esforço de abertura e descentramento perante o fenómeno da globalização, confluindo e cruzando-se com áreas com as quais possam estabelecer diálogos interdisciplinares e metodologias de investigação transversais tais como a Educação, o Ambiente, o Direito e a Economia entre outras. O diálogo entre paradigmas tem-se traduzido no desenvolvimento e na consolidação de um campo de investigação que tem procurado estabelecer uma abordagem plural e interdisciplinar que se situa na confluência dos patrimónios teóricos e empíricos. Num mundo cada vez mais étnica e culturalmente diversificado, parece importante resgatar possibilidades através de diferentes olhares sobre o mesmo fenómeno, integrando os saberes, mesmo que isso signifique o fim dos limites entre as disciplinas.

O discurso contemporâneo sobre representação é um discurso que se tornou verdadeiramente transdisciplinar e corresponde a um desejo de superação do nacionalismo cultural, consistindo cada vez mais no estudo de conjuntos supranacionais e numa indagação intelectual orientada por questões específicas. Por exemplo: como o sistema literário enquanto sistema social se constitui e se diferencia de outros sistemas? como explicar os processos de interação entre a literatura portuguesa e outras literaturas? Estas são problemáticas que possam orientar o estudante na sua investigação futura no aparato teórico e metodológico e no contributo de outras áreas disciplinares no sentido de melhor integrar o fenómeno artístico na praxis social. Neste ponto é dado relevo quer ao poder da cultura na evolução e transformação sociais, procurando chegar à compreensão dos mecanismos pelos quais esta é produzida e reproduzida de modo a apreender os padrões transnacionais de influência cultural, quer a questões estruturantes como a sua preservação e divulgação, nomeadamente em rede.

A missão de um Centro de Estudos Globais (CEG), recentemente criado na Universidade Aberta, inscreve-se neste quadro, intentando proporcionar conhecimento sobre culturas e sociedades na forma como se formam e são formadas por forças globais e transnacionais na sua interação com forças locais, regionais e globais.

O Centro de Estudos Globais (CEG-UAb) tem, pois, como objetivo geral contribuir para a adequada compreensão dos processos e dinâmicas da globalização, focando-se nas relações complexas entre contextos locais, nacionais e internacionais, com o propósito de investigar para uma globalização de rosto mais humano e de contribuir para um desenvolvimento mais sustentável, em termos culturais, sociais, económicos e ambientais. Como novo centro que se inscreve no espírito e nas dinâmicas do seu tempo, assume, entre os seus valores, um forte compromisso com o respeito pelos direitos humanos, a liberdade dos povos e o combate aos desequilíbrios, desigualdades e violências. Assim, o Centro pretende promover investigação para atender aos grandes riscos e desafios que a humanidade atravessa hoje, entre os quais estão à vista a destruição dos ecossistemas e dos patrimónios culturais, as mudanças climáticas, os efeitos das pandemias, as desigualdades económicas crescentes, as evoluções tecnológicas e a transição digital, os totalitarismos e outras ameaças à democracia, os terrorismos, as intolerâncias religiosas e os conflitos armados. Embora se trate de questões muito distintas, todas elas comportam riscos importantes para a vida individual e coletiva, implicando um tipo de conhecimento e de ação propriamente “global”, no sentido em que supera as fronteiras locais e nacionais, sem deixar de atender às singularidades dos diferentes territórios.

Nesta esteira, o Programa de Doutoramento em Estudos Globais (DEG) da Universidade Aberta intrinsecamente ligado ao seu Centro de Estudos Globais (CEG) e ao seu ideário epistemológico, reforça, nos seus pressupostos, os conceitos de transversalidade e multidisciplinaridade nas áreas económica, política, desenvolvimento social, movimentos culturais, religiões e ideologias, ecologia e sustentabilidade, com especial ênfase nas Humanidades e nas Ciências Sociais. Esta valorização das Humanidades no contexto da relação do ser humano com as ciências (não apenas estritamente sociais) e com o ambiente numa perspetiva de sustentabilidade no horizonte da globalização confere a marca específica deste programa doutoral que extravasa a ligação dos Estudos Globais à Gestão e à Economia, mais comum nos programas internacionais, conferindo centralidade às Humanidades na sua relação com a diversidade dos prismas disciplinares.

Área das Literaturas, Artes e Transculturais

Neste contexto, o programa da unidade curricular do DEG na área das Humanidades, “Literaturas, Artes e Transculturais” (que dá o nome a um dos grupos de investigação do CEG) pretende possibilitar a abertura a novos contextos e conhecimentos sob uma visão humanística do mundo, propondo uma linha de

investigação que tenha em conta formas de legitimação e circulação do património literário e cultural que ultrapassem a lógica nacionalista e considerem fenómenos de contactos históricos e culturais. Foi esta lógica que se seguiu, ao invés de simplesmente alargar a literatura ocidental a outras latitudes em sobreposição, como por vezes sucede em programas académicos de literatura global, pois assim sendo, o termo “literatura” bastaria para a designar sem necessidade de qualquer adjetivo.

O programa da disciplina visa envolver os estudantes na complexidade do mundo globalizado e promover uma reflexão crítica que assente no conhecimento da história e das sociedades, isto é, proporcionar um conhecimento pertinente construído a partir de uma consciência coletiva que incorpore a complexidade dos problemas relevantes da circulação cultural, assumindo-se assim como um programa teórico de questionamento e crítica que exige capacidades cognitivas de interpretação, argumentação e formalização.

A globalização acabou com a territorialização, fazendo com que nações, etnias e culturas tendam a superar fronteiras políticas e geográficas. Isto implicou a rejeição de um discurso da sociedade nacional num movimento do nacionalismo para o transnacionalismo que coloca vários desafios aos estudos literários, diluindo-se, ou melhor, redefinindo-se a identidade disciplinar à luz dos novos desafios da sociedade globalizada e do pós-colonialismo.

A partir dos anos 1970, a disciplina dos Estudos Culturais tem-se afirmado como um campo interdisciplinar e transdisciplinar que emergiu das Humanidades e das Ciências Sociais e que teve grande influência quer na orientação teórica quer na metodologia de investigação em disciplinas afins. Para além do seu evidente impacto nos estudos de cinema e teoria dos media em particular, também o teve nos estudos literários e de comunicação de um modo geral.

Este caminho iniciado pelos Estudos Culturais mostrou bem o seu impacto em disciplinas cognatas com essa metodologia interdisciplinar, apesar (ou talvez por isso mesmo) de se recusarem a assumir-se como disciplina (ver, a propósito, Miller⁶), sempre desafiando os limites e os modos como as disciplinas académicas se estabelecem. Não se definindo por um método exclusivo ou um objeto de estudo próprio, é a própria diversidade das abordagens e dos temas que é assumida. E, muito embora a interdisciplinaridade, como aponta Aguiar e Silva⁷, seja requerida pela natureza plurímota da própria literatura, que, para além de corpus textual e sistema semiótico, pode ser estudada como campo (Bourdieu) e instituição (Dubois), é precisamente enquanto campo e instituição que a literatura pode melhor relacionar-se com os Estudos

⁶ Cf. Toby Miller, 2001, *A Companion to Cultural Studies*, Oxford: Blackwell.

⁷ Cf. Vítor Aguiar e Silva,, 1990, *Teoria e metodologia literárias*, Lisboa: Universidade Aberta, p. 31.

Sociais. Neste sentido, a teoria dos polissistemas de Even-Zohar⁸, uma teoria de interseção entre estes e os Estudos Literários, tem estudado o núcleo e as periferias do sistema literário, analisando os mecanismos de produção, mediação e recepção literária e as formas de atuação dos agentes envolvidos nestes processos nas instâncias de poder e esferas de atuação que lhe são próprias.

Os Estudos Literários passaram assim a incluir o âmbito complexo e contraditório da produção, mediação e recepção culturais, considerando os modos de contextualizar a cultura nos vários campos com que se relaciona, por exemplo, o domínio do discurso e da comunicação, dos estudos interartes, o domínio da ideologia, da sexualidade, mostrando assim uma grande permeabilidade a outras áreas de conhecimento. A semiótica, a sociologia da literatura, a antropologia, a mitocrítica e a sociocrítica estabelecem vias de conciliação e permitem descrever o funcionamento interno, inter-relacional do universo literário ao mesmo tempo que estabelecem relações com outros domínios da sociedade. Por outro lado, com o impacto que a globalização teve na circulação da literatura e da cultura, há a necessidade de as considerar em termos de conexões, redes e canais de transmissão em vez de as enquadrar em espaços concretos e na cartografia das fronteiras. Daí se ter dado uma maior atenção aos objetos artísticos enquanto expressões mediadas da experiência humana, tendo em conta os contextos ideológicos, culturais e institucionais em que os significados são produzidos, mediados e recebidos.

Consideramos importante que o estudante possa ter consciência das tensões entre a cultura oficial ou os textos canónicos e os fenómenos relegados para a periferia do sistema e possa também compreender a necessidade da função referida por Spivak, uma autora que associa as suas reflexões aos estudos de género, de criar espaços para que as culturas subalternizadas possam afirmar-se. Há que problematizar a herança ocidental, a que autores como Lévinas e De Certeau estão também atentos ao chamar a atenção para alteridades silenciadas e subalternizadas. Entre estas contam-se as vozes femininas excluídas da história da literatura nas sociedades patriarcais.

Face a estas problematizações, compreende-se a evolução dos Estudos Culturais desde o seu interesse primordial na cultura popular contemporânea e nos media até ao estudo dos processos através dos quais a cultura produz as várias identidades, ajudando a identificar os marcadores sociais e as lutas por significação. Relembramos a denúncia que fazem Adorno e Hartman (e em geral toda a escola de Frankfurt) da “indústria da cultura” e das práticas culturais ligadas ao mercado de consumo e a fenómenos de comoditização, pela qual se transforma a obra de arte em

⁸ Cf. Itamar Even-Zohar, 1990, *Polysystem Studies*, nº especial (monografia) de *Poetics Today*, 11, 1.

produto de consumo. Relembramos também o orientalismo de Said que veio demonstrar a forma como o Ocidente estabelecia o seu poder sobre o não ocidental. Textos como os de Said contribuíram para que se pensasse a questão da identidade à luz dos desafios da sociedade pós-colonial. Os estudos pós-coloniais passaram a levantar questões decisivas como a crítica do eurocentrismo e a consideração da diferença numa perspectiva não-essencialista, questionando as relações de poder estabelecidas tradicionalmente pelo Ocidente e refletindo sobre os modos de resistência. A definição das fronteiras disciplinares não pode ignorar estas problemáticas conscientes do dever social nem pode estar alheada de uma exigência comunicativa enquanto processo emancipador.

Por outro lado, a revolução tecnológica tornou as Humanidades um diferente objeto epistemológico. A partir do século XX, a arte foi objeto de pressões no sentido de se afastar dos sistemas que a sustentavam até aí e, com a revolução eletrónica e a “eletromodernidade” da cultura contemporânea, emergiu uma noção de cultura enquanto prática plural em vez de propriedade singular. A tecnologia dos media tem desafiado o domínio das Humanidades interpretadas como *Geisteswissenschaften* na medida em que é condição constitutiva de formas de comunicação emergentes.

As chamadas “novas humanidades” são permeáveis a estas orientações e atualmente caracterizam-se pelo cruzamento de perspectivas de análise, em que a área das Ciências Sociais e da área das Humanidades confluem, permitindo adquirir e desenvolver novos conhecimentos teóricos e metodológicos, num quadro que combina, em simultâneo, a interdisciplinaridade e a especialização numa metodologia pela qual o estético se cruza com o cultural e o sociopolítico.

Na pluralidade e cruzamento de procedimentos críticos e saberes, tem-se verificado a introdução de novos objetos de estudo que respondem a problemas emergentes em face da complexidade social e cultural do mundo global: por exemplo, figuras como o apátrida, o estrangeiro, o emigrado, o que experimenta a errância e a ausência de raízes, passam a ter um lugar central nos Estudos Literários. Os chamados *East / West Studies* vêm também adquirindo cada vez mais importância e, segundo Claudio Guillén, proporcionam uma mudança qualitativa nas Humanidades ao adotar uma metodologia intercultural e um modo comparativo e dialógico de compreensão ⁹.

Talvez esta área entre as fronteiras, marginal por necessidade ou opção, seja aquela que em melhores condições está de propor essa negociação, rearticulação e contestação, face à nossa contemporaneidade. Esta é uma ideia de força que

⁹ Cf. Claudio Guillén, 2001, “Entre o uno e o diverso: introdução à literatura comparada”, Helena Buescu, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão (org.s), *Floresta encantada*, Lisboa: Dom Quixote, p. 397.

defendemos ¹⁰ na linha do que propõem dois teóricos da teoria da receção, Jauss e Iser, quando consideram a importância da cultura, o desenvolvimento pessoal, o contacto com a alteridade e com certas peculiaridades de pensar e agir essenciais para a mediação social e para a identidade pessoal que se desenvolve no confronto com o Outro e com essa experiência. Trata-se de compreender-se no Outro, na expressão de Jauss, “*sich selbst im Andern zu verstehen*” ¹¹. Iser acrescenta um ponto quando defende a emergência de um discurso intercultural e transcultural ¹² e Bredella, num enfoque mais didático, propõe as noções de “hermenêutica da alteridade” e “compreensão intercultural” ¹³ enquanto metodologia de abordagem aos textos literários numa língua estrangeira.

As sociedades multiculturais do nosso tempo, ao mesmo tempo que questionam as literaturas nacionais, determinam a redefinição de identidades. Esta disciplina pretende propor outros modos de pensar a leitura crítica da literatura e dar conta do desafio ao pensamento hegemónico e estruturas de poder, considerando as condições ambíguas da literatura face a essas estruturas. As questões principais a analisar suscitaram um pensamento crítico apreciável no âmbito dos estudos interculturais que podem desafiar ideias dominantes sobre a cultura. Assumimos a visão crítica e provocadora de Garcia-Canclini ¹⁴ que concebe a globalização como um processo impulsionador de heterogeneidade, uma vez que se encontra vinculada a processos de hibridização que vão permitir as mesclas culturais. Na mesma linha, outros autores como, por exemplo, Mohammed Elhajji ¹⁵ concebem a globalização mais como um processo do que propriamente como um alargamento de perspectiva ao globo terrestre, considerando-a sobretudo uma realização simultânea em vários pontos do espaço:

“É essa a equação que possibilita o surgimento efetivo e concreto das culturas e identidades transnacionais, fundadas numa origem comum (muitas vezes mítica), mas dialeticamente (in)dependentes, em contradição, negação ou negociação dos quadros organizacionais estatais e territoriais tradicionais”.

(Elhajji, 2006: 9)

¹⁰ Cf. Rosa M. Sequeira, 2003, O poder e o desejo. *O ensino da literatura a estrangeiros na universidade*, Lisboa: Ministério da Educação.

¹¹ Jauss, Hans R 1994, *Wege des Verstehens*, München, Wilhelm Fink Verlag, p. 23.

¹² Iser, Wolfgang, 1996, “The emergence of a cross-cultural discourse” in S. Budick e W. Iser (org.s), *The Translatability of Cultures*, Stanford / California, Stanford Univ. Press, pp. 245-264.

¹³ Lothar Bredella, 2012, *Narratives und interkulturelles Verstehen. Zur Entwicklung von Empathie-, Urteils- und Kooperationsfähigkeit*. Tübingen: Narr.

¹⁴ Cf. N. García-Canclini, 2004, *Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas de la interculturalidad*, Barcelona: Editorial Gedisa. In: <https://teoriasantropologicasucr.files.wordpress.com/2011/05/garcia-canclini-nestor-diferentes-desiguales-y-desconectados-mapas-de-la-interculturalidad.pdf>

¹⁵ Cf. Mohammed Elhajji, 2006, “Comunicação intercultural: prática social, significado político e abordagem científica. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/viewFile/86/86>>. Acesso em: 3/8/2022.

O conceito de transculturação¹⁶ é assim fundamental na conceção da disciplina. Aponta na direção de uma pluralidade de formas e caminhos, enquanto processo complexo de cruzamento de culturas que dá origem a manifestações novas ou traços de singularidade que têm o cunho da hibridéz. Esta abre uma pluralidade de formas, novas vias e possibilidades.

Quatro temáticas fazem parte do programa da disciplina. As duas primeiras, de natureza predominantemente teórica, pretendem habilitar os estudantes com os instrumentos teórico-metodológicos para a análise das obras literárias concretas propostas nas duas últimas que incidem em fenómenos característicos da transculturação e cruzamento de culturas. Deste modo, os conteúdos programáticos fornecem, num primeiro momento, os instrumentos teórico-conceituais necessários para compreender as principais perspetivas e debates teóricos sobre os estudos interculturais. Aprofunda-se também a relação entre a literatura e a sociedade, assumindo que o âmbito epistemológico da disciplina remete para um espaço interdisciplinar que integra o fenómeno literário nas complexas estratégias sociais, conciliando os estudos literários e os estudos sociais e filosóficos. Assim, as questões e problemas selecionados para análise e discussão relacionam-se com caminhos que desafiam fronteiras disciplinares, abrindo novas perspetivas e reconfigurando o campo. Num segundo momento, são tratadas práticas culturais e estéticas que, privilegiando a literatura de expressão portuguesa contemporânea, a colocam em relação com outras tradições literárias e artísticas e outras literaturas e expressões artísticas estrangeiras. São tratados tópicos relacionados com a alteridade e, por último, é considerada a narrativa mitológica enquanto narrativa de grande circulação transcultural incorporada na ética e na organização social. Neste ponto, o papel do mito assume particular relevância, não apenas na sua dimensão transcultural, mas também na sua capacidade de intervenção no mundo social.

A perspetiva é intercultural no confronto de textos, objetos artísticos e alterações de pontos de vista diferenciados que apontam para um novo mundo e um terceiro espaço. Deste modo, assumem particular relevância noções como “terceiro espaço”¹⁷, “dialogismo”¹⁸ e “zona de contacto”¹⁹, que, entre outras, têm em seu cerne o diálogo, entendido em sentido amplo, na medida em que abrange as relações eu/outro. Como

¹⁶ Cf. A. Rama, 1982, *La transculturación narrativa en America Latina*, México: Siglo XXI.

¹⁷ H. Bhabha, 1990, “The third space”, entrevista por Jonathan Rutherford. In: <http://s3.amazonaws.com/arena-attachments/90186/444c4a43b13aec92039a31bef35c4945.pdf?1364059011>

¹⁸ M. Bakhtin, 1981, *The Dialogic Imagination*, University of Texas Press.

¹⁹ M. L. Pratt, 1992, *Imperial Eyes*, London: Routledge.

reconhece Pratt, a zona de contacto coloca em cena relações assimétricas de dominação e subordinação nas quais se têm focado os Estudos Culturais.

O programa de Literaturas, Artes e Transculturais estrutura-se a partir de um conjunto de opções epistemológicas e pedagógicas. Tendo em mente que nele constam temáticas tradicionalmente tratadas pela Literatura Comparada como as narrativas de exílio e de viagens bem como a problemática das traduções e das relações interartes, optámos por privilegiar temáticas que apontam para uma perspetiva alargada dos principais debates no âmbito específico dos estudos interculturais na sua relação com a Literatura Portuguesa e / ou de expressão portuguesa. Assumimos a internacionalidade da literatura nacional na senda de Goethe que referiu: “Qualquer literatura acaba por se entediar em si mesma se não for renovada por um contributo estrangeiro”²⁰.

A temática 1 incide na metodologia e questões teóricas que definem o campo dos Estudos Interculturais, tendo em vista uma aprendizagem heurística do significado do fenómeno literário, de forma a proporcionar uma melhor compreensão desse fenómeno num contexto global e numa perspetiva dialógica.

A consideração da heteroglossia, ou das múltiplas variâncias entre discursos enquanto traço de exotopia ou alteridade, não deixa de incidir no estudo formal dos textos, proporcionando um movimento essencial que vai dos traços intralinguísticos e intraculturais para as relações interculturais.

A alteridade cultural, como reconhece Gumbrecht²¹ tem desempenhado um papel decisivo na problematização da epistemologia clássica ocidental baseada na noção de “verdade” e no paradigma “sujeito-objeto”, assumindo-se a Hermenêutica da Alteridade (Bredella) como um processo que permite a transvaloração (uma noção que retomamos de Todorov²²) pelo qual é possível o olhar crítico perante si mesmo pelo contacto com o Outro, constituindo um terceiro espaço (Bhabha). Esta temática incide assim, fundamentalmente, nas questões teóricas e epistemológicas relacionadas com o interculturalismo e com a alteridade, visando a análise crítica da contextualização da literatura de expressão portuguesa enquanto prática plural, analisando-a, quer do ponto de vista das negociações transnacionais e modos de reflexão alternativos que fazem parte da comunicação literária, quer do ponto de vista de uma hermenêutica da

²⁰ Citamos a tradução de Fernanda Costa, 2001, “Goethe revisitado – tradução e cosmopolitismo”, in H. Buescu e J.F. Duarte, *Narrativas da Modernidade: a construção do outro*, Lisboa: Colibri, pp. 61-76.

²¹ Cf. H. Gumbrecht, 2001, “O futuro dos estudos literários” in H. Buescu, J. Duarte & M. Gusmão, *Floresta Encantada. Novos caminhos da literatura comparada*, tradução de Fernanda Gil Costa, Lisboa: Dom Quixote, pp. 37-60.

²² T. Todorov, 1990, “El cruce de las culturas”, *Criterios*, 25-28, pp. 3-19. In: <https://centroderecursos.cultura.pe/sites/default/files/rb/pdf/elcruce delas culturas.pdf>.

alteridade e transvaloração, quer ainda considerando a problemática da literatura-mundo e literatura global em relação às quais a literatura de expressão portuguesa se poderá situar.

Fazem parte da bibliografia principal textos que podem fornecer uma perspetiva abrangente sobre as principais questões que se colocam hoje ao campo dos estudos interculturais, inserindo os estudos literários num quadro epistemológico intercultural e transdisciplinar, podendo funcionar como uma introdução a textos mais complexos da bibliografia complementar.

A temática 2 alarga o âmbito epistemológico disciplinar dos Estudos Literários para um espaço interdisciplinar que integra a investigação sociológica, antropológica, histórica, filosófica e política. O reconhecimento da emergência de uma cultura global exige a atenção aos modos de circulação e legitimação do fenómeno literário pela sociedade, abrangendo procedimentos institucionalizados historicamente.

As questões propostas incidem nas relações entre a comunicação literária e a sociedade mediatizada e global, colaborando para a atualização dos debates atuais sobre esta problemática no âmbito de uma teoria crítica da sociedade globalizada. As abordagens que convocam o quadro teórico e metodológico dos Estudos Interculturais relacionam-se assim com as teorias sistémicas da comunicação literária, com a Sociologia da Literatura e com a Teoria Empírica da Literatura, às quais pertence a Teoria dos Possistemas de Even-Zohar. No âmbito do contexto social mais alargado da comunicação artística, são ainda consideradas noções tais como a instituição sociocultural de Dubois²³ e a de campo literário de Bourdieu²⁴. Estas abordagens esclarecem o fenómeno literário, inserindo-o numa teoria da comunicação e da cultura, considerando a interrelação de um número significativo de fenómenos para uma melhor perceção das forças de legitimação da literatura e da cultura. A adoção deste esquema de referência representa melhor os macro-fatores relacionados com as funções do sistema literário considerando fenómenos como a comoditização, ou seja, o processo através do qual uma obra de arte se transforma num produto de consumo. Neste contexto, retomamos de Baudrillard²⁵ conceitos como o de universalidade e mundialização, um dizendo respeito aos valores, às liberdades e à cultura, outro relacionado com as tecnocracias, o mercado e a informação. A era digital proporciona o esbatimento de fronteiras entre géneros artísticos e fronteiras disciplinares que tomam

²³ Cf. Jacques Dubois, 2019, *L'institution de la littérature*, Bruxelles: Bernand.

²⁴ Cf. P. Bourdieu, 1991, "Le champ littéraire", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 89, pp. 3-46. In: http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1991_num_89_1_2986

²⁵ Cf. J. Baudrillard, 2005, [1996], *The conspiracy of art*, tradução de A. Hodges, New York: Columbia University Press. In: <https://kirkbrideplan.files.wordpress.com/2012/10/jean-baudrillard-the-conspiracy-of-art.pdf>

novas formas e exigem novas metodologias. Daí serem ainda propostas também questões relacionadas com as Humanidades Digitais, em especial a área *Intercultural Media Studies* proposta por Shuter²⁶.

A temática 3 incide sobre a natureza dos encontros literários, tendo sido selecionados dois subtemas: O primeiro versa sobre a literatura intercultural, de acordo com a designação usada em espaço germanófono, através da análise de obras que representam a transição de um mundo a outro, proporcionando assim a análise dos meios pelos quais as obras literárias criam um sentido de transgressão entre barreiras ontológicas pelas deslocações no espaço e ultrapassam barreiras linguísticas ao assumirem a “latência linguística”, isto é, o multilinguismo. As categorias de espaço e relacionais para que remete o prefixo “inter” podem assumir os sentidos positivos de abertura, tolerância, negociação e reciprocidade, que frequentemente possuem nos estudos teóricos, mas podem também assumir sentidos negativos de desencontro, não-pertença e dilaceração nas obras literárias que assim apresentam uma forma mais complexa do tema. A ambiguidade e desorientação ocorrem nos processos de transição e ritos de passagem, em que as personagens já não possuem o seu estatuto inicial e situam-se no limiar entre a sua anterior forma de estruturar a sua identidade e uma nova forma resultante dos contactos interculturais num espaço liminar onde as diferenças perdem os seus contornos e se tornam maleáveis e negociáveis.

Por um lado, há os autores de origem estrangeira que se estabeleceram em Portugal e que escrevem em língua portuguesa, um *corpus* bastante limitado na literatura portuguesa, sendo Ilse Losa e Jorge Listopad dois dos nomes mais destacados. Por outro lado, há os autores canónicos que exploram literariamente essa experiência, como foi o caso de Ferreira de Castro, José Rodrigues Miguéis, Miguel Torga e Jorge de Sena. Por outro lado ainda, há os autores portugueses ou lusodescendentes que integram comunidades migratórias de origem portuguesa em países como a França e os EUA, por exemplo. Neste âmbito, destacam-se os nomes de Brigitte Paulino-Neto (1953) e Katherine Vaz (1955), autoras francesa e norte-americana respetivamente, pertencentes à segunda geração de emigrantes portugueses, que escrevem na língua do seu país — neste caso em francês e em inglês —, abordando contudo temáticas relacionadas quer com o país de origem dos seus ascendentes quer com a própria migração e contacto com a alteridade. É uma literatura que desafia fronteiras e classificações ligadas às literaturas nacionais e comprova a emergência e consolidação de um fenómeno literário com características cada vez mais

²⁶ Cf. R. Shuter 2017, “New Media and Intercultural Communication”. In <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781118783665.ieicc0005>

transnacionais enquanto reflexo e expressão de uma nova realidade ligada à era global. O segundo subtema versa sobre os estudos de género.

Esta temática pretende assim trabalhar duas formas principais de alteridade: a intercultural e a sexual. Estes dois tipos de alteridade engendraram formas de contacto cultural e intercultural baseadas em relações assimétricas de poder. Daí as teses feministas ocuparem o lugar simbólico do Outro, não se podendo negar que as mulheres e os desviantes sexuais ocupam frequentemente o lugar do Outro na polaridade ocidental baseada no género.

A temática 4 pretende encontrar um dos fulcros da mitologia ocidental, inicialmente peninsular e mediterrânica: o mito de Don Juan, o chamado “mito dos mitos”, como exemplo radical de interculturalidade e supranacionalidade.

A narrativa mítica tem sempre a função de um intertexto, de um texto estrangeiro, às vezes clandestino, mas nunca inerte, pelo que se lhe adequa uma poética comparada que, tendo por base a literatura portuguesa, possa estabelecer relações intertextuais com outras literaturas. A intertextualidade é precisamente um dos processos fundamentais da edificação dos mitos e a causa da sua perenidade, diz-nos Paul Ricoeur que relaciona o mito com a memória voltada para as palavras anteriores e para a sua traduzibilidade para outros contextos culturais: “*horizons of myths exceed the political and geographical boundaries of their communities and the territorial limitations set by politics, emigrating and developing in new cultural frameworks*”²⁷. O mito caracteriza-se assim pelo seu poder de irradiação, pela sua caracterização como resposta e apelo à releitura e reescrita. Por conseguinte, é pertinente a análise dos modos como a radical novidade, resultante desta tradução, se concilia com a herança cultural, pelo que a mistura de tradições e as mudanças de horizonte do mito se conciliam com a inscrição diacrónica na História. O mito é uma fala escolhida pela história diz-nos Roland Barthes em *Mythologies*²⁸.

Por conseguinte, esta temática não abdica da análise que incide primordialmente na literatura portuguesa ou de expressão portuguesa, considerando a receção e recriação do mesmo tema durante um largo período de tempo. Com três séculos de distância, Gabriel de Lima, na forma romanesca, faz uma releitura da peça de teatro Tirso de Molina, obra que, no século XVII, iniciou o mito literário de Don Juan em Espanha, retomando a visão do autor espanhol sobre os enganos mútuos, mas numa

²⁷ Cf. Paul Ricoeur in Ricoeur & Kearny, 1978, ‘Myth as the bearer of possible worlds’, *The Crane Bag* 2 (1&2), p. 116.

²⁸ Cf. Roland Barthes, 1973, *Mitologias*, tradução de José Augusto Seabra, Lisboa: Edições 70, p. 183.

perspetiva moderna próxima de Lipovetsky quando refere o “engano verdadeiro-falso” em que o falso é valorizado²⁹.

É, portanto, a hipertextualidade que cria o mito, especialmente o mito literário que tem merecido especial atenção de Ricoeur, Sellier e Brunel, na medida em que é aberto à apropriação da sociedade, pois é a adoção pelo modo coletivo que cria a qualidade mítica. O grande sucesso dos romances de Vitaliano Brancati sobre Don Giovanni durante o fascismo, hoje considerados clássicos, explica-se pelo eco que teve na sociedade italiana de então a sua denúncia de uma geração passiva politicamente. Escrita durante o fascismo português e postumamente publicada foi também a peça de Natália Correia, *D. João e Julieta*, pelo que se afigura pertinente analisar as condições adversas da literatura em regimes totalitários de que são exemplos estas duas obras. O libreto de José Saramago que pretende propor *a contrario* uma leitura do libreto de Da Ponte é outro dos textos a considerar, bem como o romance de Almeida Faria que se inscreve na dessacralização dos mitos na tradição da cultura portuguesa, ligando o donjuanismo ao sebastianismo.

A abordagem mitocrítica parte necessariamente dos confrontos pelos quais se evidencia um duplo ou triplo efeito entre um momento histórico de criação ou primeira leitura e entre a recriação e releitura num outro momento histórico e a apropriação pelo leitor. Deste modo podemos chegar a conclusões interessantes pela constituição de um mapa de *mitemas* e situações míticas ou mitológicas seja no interior de uma cultura seja como constructo transcultural. Consideraremos a função ou efeito que pode ter o mito de Don Juan, a par de Fausto, um dos dois grandes mitos da Europa moderna, enquanto facto sociocultural numa realidade ligada a uma existência histórica na qual as sociedades reconhecem os seus valores e questionamentos.

Não consideraremos o debate relativo à inserção do mito na mentalidade primitiva incompatível com a lógica dos povos civilizados, mas antes a perspetiva de Ricoeur de o entender como uma forma de discurso com pretensão ao sentido e à verdade. Aliás, as teorias contemporâneas do mito ultrapassam a dicotomia presente em Platão e Aristóteles, respetivamente de história sagrada e narrativa literária, propondo uma síntese das duas conceções ao atender à transformação de um conjunto de *mitemas* ao longo da história numa estrutura dinâmica. O interesse continuado pelo mito de Don Juan proporciona uma visão renovada da estrutura simbólica da obra de arte e permite uma teoria da simbolização de múltiplas convergências interdisciplinares, considerando formas artísticas diversas. O século XX e XXI oferecem um campo vasto para análise da dimensão mítica da literatura contemporânea apenas no âmbito do

²⁹ Cf. Gilles Lipovetsky, 2017, *Agradar e tocar. Ensaio sobre a sociedade da sedução*, tradução de Pedro Duarte, Lisboa: Edições 70, p. 161.

donjuanismo. O mito, na sua impureza e instabilidade, é um lugar de convergência em torno do qual se organizam todas as projeções fantásticas e desejos coletivos com capacidade de intervenção no mundo social. Esta temática parte assim da dimensão mítica inalienável no ser humano e, assumindo a perspectiva teórica de Paul Ricoeur, pretende dar conta da ligação do mito com as possibilidades da existência que ultrapassam o que se pode conceber, perceber historicamente e experimentar em cada momento e lugar.

Três dimensões atravessam o trabalho metodológico nestas duas últimas temáticas: 1) o contacto cultural (entre escritores, entre mundos, entre sexos); 2) a interpretação (inter)cultural e literária; 3) a análise comparativa intercultural e transdisciplinar.

Com este programa, metodologia e corpus selecionado, pretendemos ultrapassar dogmatismos das culturas em que textos literários e objetos artísticos se inserem e revelar a interrelação dialética entre o próprio e o diferente, entre a identidade e alteridade que estes dogmatismos tendem a ignorar, de forma a que os estudantes sejam capazes de intervir de forma crítica e fundamentada nos principais debates que o fenómeno artístico suscita no tempo atual, perspectivadas segundo um ponto de vista multicultural, pluridisciplinar e humanista.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. 1981, *The Dialogic Imagination*, Texas: University of Texas Press.

BARTHES, Roland, 1973, *Mitologias*, tradução de José Augusto Seabra, Lisboa: Edições 70.

BAUDRILLARD, J. 2005, [1996], *The conspiracy of art*, tradução de A. Hodges, New York: Columbia University Press. In: <https://kirkbrideplan.files.wordpress.com/2012/10/jean-baudrillard-the-conspiracy-of-art.pdf>

BHABHA, H., 1990, "The third space", entrevista por Jonathan Rutherford. In: <http://s3.amazonaws.com/arena-attachments/90186/444c4a43b13aec92039a31bef35c4945.pdf?1364059011>

BOURDIEU, P., 1991, "Le champ littéraire", *Actes de la Reserche en Sciences Sociales*, 89, pp. 3-46. In: http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1991_num_89_1_2986

BREDELLA, Lothar 2012, *Narratives und interkulturelles Verstehen. Zur Entwicklung von Empathie-, Urteils- und Kooperationsfähigkeit.* Tübingen: Narr.

COSTA, Fernanda Costa, 2001, “Goethe revisitado – tradução e cosmopolitismo”, in H. Buescu e J.F. Duarte, *Narrativas da Modernidade: a construção do outro*, Lisboa: Colibri, pp. 61-76.

DUBOIS, Jacques, 2019, *L`institution de la littérature*, Bruxelles: Bernand.

ELHAJJI. Mohammed, 2006, “Comunicação intercultural: prática social, significado político e abordagem científica. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/viewFile/86/86>>. Acesso em: 3/8/2022.

FRANCO, José Eduardo e CAETANO, João Relvão Caetano (coords.), 2020, *Globalização como Problema. Temas de Estudos Globais*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

GARCÍA-CANCLINI, N. 2004, *Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas de la interculturalidad*, Barcelona: Editorial Gedisa. In: <https://teoriasantropologicasucr.files.wordpress.com/2011/05/garcia-canclini-nestor-diferentes-desiguales-y-desconectados-mapas-de-la-interculturalidad.pdf>

GUILLÉN, Claudio, 2001, “Entre o uno e o diverso: introdução à literatura comparada”, Helena Buescu, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão (org.s), *Floresta encantada*, Lisboa: Dom Quixote.

GUMBRECHT, H., 2001, “O futuro dos estudos literários” in H. Buescu, J. Duarte & M. Gusmão, *Floresta Encantada. Novos caminhos da literatura comparada*, tradução de Fernanda Gil Costa, Lisboa: Dom Quixote, pp. 37-60.

ISER, Wolfgang, 1996, “The emergence of a cross-cultural discourse” in S. Budick e W. Iser (org.s), *The Translatability of Cultures*, Stanford / California: Stanford Univ. Press, pp. 245-264.

ITAMAR, Even-Zohar, 1990, *Polysystem Studies*, nº especial (monografia) de *Poetics Today*, 11, 1.

JAUSS, Hans R 1994, *Wege des Verstehens*, München: Wilhelm Fink Verlag.

LIPOVETSKY, Gilles, 2017, *Agradar e tocar. Ensaio sobre a sociedade da sedução*, tradução de Pedro Duarte, Lisboa: Edições 70.

MORIN, Edgar, 1990, *Introduction à la pensée complexe*, Paris: Seuil.

MORIN, Edgar, 2015, *Penser Global. L’Humain et Son Univers*, Paris: Éditions Robert Laffont/Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme.

PRATT, M. L., 1992, *Imperial Eyes*, London: Routledge.

RAMA, A, 1982, *La transculturación narrativa en America Latina*, México: Siglo XXI.

RICOEUR, Paul in Ricoeur & Kearny, 1978, 'Myth as the bearer of possible worlds', *The Crane Bag* 2 (1&2).

ROBILLARD, Jean 2001, "Peut-on estimer les impacts de la mondialisation sur la communication social et la culture?", in Pierre-Yves Bonim (dir.), *Mondialisation. Perspectives Philosophiques*, Paris: L'Harmattan.

SEQUEIRA, Rosa M., 2003, *O poder e o desejo. O ensino da literatura a estrangeiros na universidade*, Lisboa: Ministério da Educação.

SHUTER, R., 2017, "New Media and Intercultural Communication". In <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781118783665.ieicc0005>

SILVA, Vítor AGUIAR E, 1990, *Teoria e metodologia literárias*, Lisboa: Universidade Aberta.

SLOTEDIJK, Peter, 2008, *Palácio de Cristal. Para Uma Teoria Filosófica da Globalização*, Lisboa: Relógio d'Água.

TOBY, Miller, 2001, *A Companion to Cultural Studies*, Oxford: Blackwell.

TODOROV, T., 1990, "El cruce de las culturas", *Criterios*, 25-28, pp. 3-19. In: <https://centroderecursos.cultura.pe/sites/default/files/rb/pdf/elcruce delas culturas .pdf>.